

**CARNAVAL, INFÂNCIA E SEGREGAÇÃO.
TRÊS ELEMENTOS QUE SE INTERPENETRAM
NA CONDIÇÃO DOS EXCLUÍDOS,
A PARTIR DO FINAL DO SÉCULO XIX.**

Neide Amorim Ernesto (UNIGRANRIO)

ernestoneide@gmail.com

Marcia Figueira Marques da Silva (UNIGRANRIO)

marciamarques@gmail.com

Darlene Camargo Gomes de Queiroz (UNIGRANRIO)

profdarlenequeiroz@gmail.com

RESUMO

O presente artigo envereda por caminhos que aparentemente não se coadunam por discutir assuntos como o carnaval, a infância e os preconceitos raciais do século XIX ao XXI. Seu ponto de partida é o carnaval que propicia o anonimato através da fantasia de diabinho, muito popular no final do século XIX e início do XX. Para discutir essas temáticas, foram utilizados como *corpus* literário os textos "O moleque" e "Diabos encarnados". O primeiro discute a questão do *bullyng* na infância e a necessidade da vingança como forma de catarse; o segundo delinea o horror da elite carioca no final do século XIX, por todos aqueles que utilizavam essa fantasia; e a consequente aversão pelos negros em geral. Na sequência, serão abordadas questões atuais, a fim de observar a evolução destes temas na sociedade.

Palavras-chave: Carnaval. Infância. Segregação.

1. Introdução

A importância de se conhecer eventos que aparentemente não se correlacionam a temáticas de cunho social norteará o presente trabalho, à medida que deflagram no imaginário popular oportunidades de vinganças infantis como em "O moleque", de Lima Barreto e o acirramento de preconceitos já existentes através da mídia que, no século XIX, é composta por alguns jornais impressos no século XXI por âncoras de telejornais e apresentadores sensacionalistas. Alimenta-se assim, no imaginário popular a crença de que todos os elementos que constituem a etnia negra terão o mesmo comportamento e se o cidadão é morador da Baixada Fluminense ou de comunidades carentes também serão julgados como seres perigosos e indesejados. Esses fatos geram o não pertencimento no próprio país, transformando-o em cidadãos de segunda classe.

2. Objeto de desejo: a fantasia de diabinho.

Em "O moleque", Lima Barreto traça o perfil de um menino pobre, trabalhador e querido pela comunidade. Muitos aconselham sua mãe a pô-lo em um asilo⁶⁵ para estudar, mas D. Filismina negava-se a fazê-lo porque seu filho era uma espécie um ajudante tenaz em sua busca pela sobrevivência. O coronel Castro ofereceu-se a pagar seus estudos, mas entendeu a negativa de sua mãe, pois sabia da importância que os negros davam a sua habitação. Pela época retratada, o narrador, certamente, faz alusão ao "bota abaixo"⁶⁶ e ao cansaço daquela vida de nômade que levavam após a destruição do cortiço "cabeça de porco".

A miséria e os miseráveis, que haviam perdido habitações na derrubada violenta do cortiço, tinham à disposição o morro contíguo e as madeiras da demolição que a própria prefeitura lhes permitira recolher. Barracos de madeira já estavam disseminados no morro Santo Antônio, ponto privilegiado da cidade e logo estariam presentes na da Providência, nos anos que se seguiram às picaretas de "Barata Ribeiro. (SEVCENKO. 2010, p. 141).



Demolições para a construção da avenida Central, 1904-1905
João Martins Torres – Acervo Instituto Moreira Salles

⁶⁵ Asilo: internato para estudos.

⁶⁶ Bota abaixo: Derrubada de habitações humildes com a desculpa de higienização. O primeiro ocorreu com o célebre cortiço "Cabeça de porco" pelo então prefeito Barata Ribeiro e o que recebeu a denominação citada, ocorreu na gestão de Pereira Passos.



Capa da Revista Illustrada, nº 656 (26 de janeiro de 1893)

O narrador desse conto ilumina uma série de situações a serem analisadas. A linguagem simples e coloquial, porém, permeada por um senso de observação incomum, gera ao leitor reflexões acerca dos aspectos sociológicos e psicológicos que envolvem a trama.

Ele direciona o enredo ao mundo infantil, ressaltando a visão hiperbólica das crianças através das provocações dos outros meninos ao garoto Zeca que, no entanto, não são compreendidas na idade adulta.

"O moleque" é um dos textos ficcionais em que Lima Barreto consegue transmitir, no que há de mais simples nas manifestações da culturais populares brasileiras, lições de grande profundidade em termos de estudo das relações humanas e da busca de superação de problemas graves ligados ao poder, ao preconceito e às dificuldades dos grupos de atores sociais menos favorecidos economicamente. (FRAZÃO, 2010, p. 34)

Ora, as crianças também se ressentem da exposição negativa e dos preconceitos. Estímulos a fim de que prossigam adiante são fundamentais na formação de seu caráter, construindo, assim, uma personalidade segura e saudável.

Algumas calam-se diante do sofrimento imposto a elas, no entanto, isso não significa o esquecimento do ocorrido e sim a absorção do fato, causando desconfortos que ela não entende.

No conto, observa-se que a questão do *bullyng* sofrido por Zeca afetou-o de tal forma que gerou a necessidade de vingar-se dos seus algozes. Guardou para si o ocorrido até ser confrontado pela mãe e o Coronel Castro, no entanto, estava firme em seus planos de vingança. Afinal, esta seria a oportunidade de expurgar seus sentimentos, pois a ira sem confronto segue seu próprio caminho e uma vítima incapaz de encarar seu próprio passado, pode, no futuro, ser consumido por ele. Ao lhe ser ofertado, pelo coronel, a fantasia de diabinho, estava a um passo de realizar a tão esperada catarse.

Sua mãe notou que Zeca carregava um embrulho e o inquiriu, pois sabia que ele não teria dinheiro para comprá-la. Logo, em sua cabeça, passaram terríveis previsões para seu filho, pois pensou que fosse fruto de um roubo. Zeca, então, contou a finalidade e a necessidade do presente.

Não lhe contei que há meses, diversas vezes, quando passava para ir à casa de dona Ludovina, diante do portão do capitão Albuquerque, os meninos gritavam: ó moleque! – ó negro! – ó gibi!? Não lhe contei?

– Contou-me; e daí?

Por isso quando o coronel me prometeu a fantasia, eu aceitei.

– Que tem uma coisa com a outra?

– Queria, amanhã, passar por lá e meter medo nos meninos que me viairam. (BARRETO, 2010, p. 151)

Na próxima etapa, do presente trabalho, serão discutidas questões sociais presentes no mundo adulto, a partir do mesmo tema.

3. A distinção entre seres humanos, a partir de uma fantasia de carnavalesca

No texto “Diabos encarnados”, o narrador detalha as ruas pelas quais o personagem Calixto José da Silva trabalha. Pelas características dos lugares elencados, pelo autor e os nomes das ruas, percebe-se que a passagem do cocheiro se dá apenas a trabalho. Aquele não é o seu local de moradia e tampouco de passeios em “dias normais”.

A rua da Quitanda já era enfeitada pelos moradores e comerciantes. Na rua do Ouvidor, as casas “afrancesadas” penduram bisnagas e seringas em suas portas. A comissão de festejos da Rua Gonçalves Dias levanta um coreto para banda de música. (NEPOMUCENO. 2013, p. 9)

Ao retornar a sua casa, prepara sua fantasia típica de pessoas com baixo poder aquisitivo: brancos pobres e negros e mestiços. Ela torna-se icônica entre os desprivilegiados porque era a mais barata. Essas pessoas esperavam o carnaval para estabelecerem uma espécie de equiparação social momentânea, pois, ali, a maioria esconde sua identidade através das fantasias e há uma certa ilusão de que tudo seja permitido nesta festa popular. Além disso, o sentimento de vingança, originado pelo não pertencimento às camadas privilegiadas da sociedade, tornando-os seres invisíveis e de pouco valor, impulsiona-os a expurgar todo esse mal-estar.



Capa de *O Malho* – Diabinho. *O Malho*, 4.3.1905

A fantasia de diabinho assemelhava-se a um uniforme carnavalesco dos pobres. Dificilmente, uma pessoa abastada economicamente a usaria.

Dois diabinhos saíram e infernizaram as ruas da Freguesia de Santana, como era de esperar por sua indumentária. Pularam, gritaram, caluniaram e ofenderam os demais foliões com suas pilhérias: “Oh! Oh! Você me conhece? No entanto, a certeza de que não se trata de alguém pretendente à elite não só facilitou a prisão dos que realmente faziam pilhérias e cometiam crimes como

Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos

incluiu os que estavam apenas se divertindo. Sendo assim, o uso da própria fantasia condenava os usuários. (NEPOMUCENO 2007, p. 4)

A imprensa aproveitou-se desse frezezi causado pelo temor a esses foliões para acirrar ainda mais a aversão que a elite sentia por eles e, logo, em uma sequência de eventos, passou a fazer a seguinte associação: fantasia de diabinhos é igual a negros perigosos e se todos os negros se vestem com esta fantasia, a todos, deve-se temer. Alguns jornais, com a finalidade de incrementar as suas vendas, aumentaram esses registros em suas páginas:

Nas últimas décadas do século XIX, por meio das páginas dos jornais, podemos notar a multiplicação de registros de crimes envolvendo mascarados e, mais do que isso, a associação com crimes de práticas antes comuns e tolerados. Tal fato ocorre especialmente com a pilhéria, a sátira, que passa a ser tratada como crime do porte das agressões físicas. (CUNHA, 2001, p. 30-31)

Tornara-se um perigo para o folião fantasiado de diabinho sair às ruas, pois já estava estigmatizado pela imprensa e poderia ser morto por estar fantasiado.



Dois diabinhos e o possível guarda urbano – Revista Ilustrada, 31.1.1880

O diálogo entre esses dois personagens é revelador. O pequeno repórter experimentado nas ruas do Rio, alerta o “inocente” Carnaval dos perigos de

sair daquela porta para fora. O pequenino o alerta que, uma vez nas ruas, ele poderá ser assassinado. A surpresa do Carnaval de 1880 se reflete em uma pergunta: “Mas então não há polícia?”. E a resposta é desconcertante: É justamente porque há polícia muita demais até. (NEPOMUCENO. 2013, p. 12.)

Observa-se duas citações com opiniões diferentes frente a estigmatização do negro às vésperas da abolição. A imprensa pode construir a imagem de um determinado segmento da sociedade, vitimizándolo ou condenándolo. O posicionamento da imprensa diferia conforme seus ideais políticos. Pode-se averiguar isso através das ocorrências de reportagens sobre essa relação entre violência e etnia.

Abaixo, uma tabela com a frequência e circunstâncias em que essas questões são abordadas nos jornais da época, baseada na pesquisa de Nepomuceno e elaborada pela presente autora. Em *Diabos encarnados*.

Jornal do Comércio	Gazeta de Notícias	Gazeta da Tarde
28 vezes a ocorrência da cor, sem contar anúncios de escravos. Todos estavam envolvidos em alguma ação violenta.	28 vezes a ocorrência da cor, sem contar anúncios de escravos	Em relação aos crimes de violência, 6 vezes a ocorrência da cor.
23 pretos (seis escravos), dois pardos (um escravo), um mulato e dois crioulos.	13 pretos (dois escravos e um liberto), seis pardos (dois escravos), sete crioulos (um escravo), uma mulata e um negro.	Só utilizou referências à cor em seis ocasiões, em nenhuma delas mencionando escravos, em duas, pretos, em uma, pardo e em três, negros.
Dos três é o mais conservador. Muito mais alinhado a posições escravistas	Primeiro grande jornal da Corte a defender o abolicionismo, mas sem radicalismos. Apresenta mais sutilezas e variações na utilização desses termos.	Jornal abolicionista, evita utilizar expressões racializadas.
Na menção à cor, todos estavam envolvidos em alguma ação violenta.	Apresenta maior equilíbrio na utilização dos termos. 10 deles tratavam de representações de pessoas de cor em carros de ideias de Fenianos e Democráticos, fantasias de escravos e artigos sobre formas de brincadeiras carnavalescas.	Utiliza um termo que não está presente no vocabulário dos demais: negro. Usa essa palavra para se referir àqueles sujeitos de cor que participavam dos carros de ideias das grandes sociedades carnavalescas, geralmente ganhando cartas de alforria.

4. O que a segregação nos deixou como herança para os dias de hoje

Atualmente o sentimento de exclusão, apresentado pela elite e pe-

la classe média, não se revelam de maneira diferente. O que foi apresentado até aqui, nos explica, em parte, o momento de extremismo da imprensa, da segregação dos pobres e a “onda negra” que fora alimentada pela mídia, tornando o negro inimigo da sociedade. Hoje, sem mencionar a cor, a segregação ainda permeia o país, mas de forma velada, haja vista a lei contra o racismo. No entanto, a evolução tecnológica que não se deu no mesmo “galope”⁶⁷ que a evolução humana, põe em voga um outro tipo de anonimato que não seja o das fantasias carnavalescas e sim o das redes sociais. Através destas, um número assustador de pessoas, têm manifestado todo o seu preconceito racial e incômodo ao ver alguém da raça negra ocupando um espaço de valor.

Um homem foi amarrado em um poste e espancado até a morte por moradores do bairro São Cristóvão, em São Luís, no Maranhão, depois de praticar um assalto a uma loja da região. De acordo com a Polícia Civil, Cleidenilson Pereira da Silva, de 29 anos, foi linchado, com mãos, pernas e tronco amarrados em um poste de luz, até a chegada da polícia. Um adolescente, que também participou do assalto, foi apreendido, depois de também ser agredido pela população. (BOECHAT, 2015)



Foto de 2015. Foto: Binê Moraes. Jornal Extra.

⁶⁷ Galope: com a mesma rapidez.



Desenho de um dos castigos impostos ao negro nos tempos coloniais.

www.lucinhapeixoto.blogspot.com

Um estudo sociológico sobre esse tema, a partir da Abolição da escravidão em que o Centro da cidade passa a ser ocupado por alforriados e europeus pobres, nos dá a dimensão do quanto evoluímos ou não de lá para cá.

O início da segregação a partir desse evento dá-se no Regime republicano em que pessoas anteriormente atreladas ao servilismo passaram a ocupar o mesmo espaço que a elite burguesa. Esta, não manifestava nenhum desejo em se misturar aqueles seres, recém libertos que transitavam pelas ruas a procura de empregos e estalagens. Naquela época, a opção para essa gente considerada indesejada era construção de habitações humildes como cortiços, mocambos, palafitas etc. Com o evento do “bota abaixo”⁶⁸, esses refugos humanos⁶⁹ aos bairros mais próximos da zona suburbana como Gamboa e Saúde⁷⁰. Ocuparam, igualmente, as favelas da Providência, Conceição e Santo Antônio.

Os de classe média, direcionaram-se aos Subúrbios porque tinham

⁶⁸ Bota abaixo: movimento de derrubada de habitações humildes no início do século XX, afim de reformular esteticamente o Centro do Rio de Janeiro, então capital da República.

⁶⁹ Refugos humanos: termo utilizado pelo escritor pós-moderno no livro *Vidas desperdiçadas* para nomear a parcela da população considerada excesso dentro do seu próprio país.

⁷⁰ São Bairros que não são da Zona Norte, mas que passaram a ser chamados de suburbanos pela ocupação da população pobre.

condições de pagar a condução e comprar terrenos em bairros como o Méier, Botafogo, Laranjeiras, Catete, Glória, Tijuca etc.

Com o passar do tempo, a naturalização da segregação tomou conta do Brasil. Desassistidos pelo governo, os mais pobres continuaram a serem vistos como seres perigosos. Baseando-se na vestimenta, cor da pele e espaço ocupado como moradia, criou-se cada vez mais o mito de que todos os negros, com vestimenta pobre e moradores da periferia são elementos perigosos.

5. Conclusão

A partir da contextualização de elementos, aparentemente, sem conexão com o carnaval: política, pobreza, preconceitos raciais e *bullying*, concluímos que não houve evolução no que concerne ao ser humano. Passados séculos, desde a Abolição da escravidão, continuamos a reproduzir velhos preconceitos de outrora, haja vista que atualmente, as intenções políticas, a segregação e a aversão aos pobres e negros continuam as mesmas.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BARRETO, Lima. O moleque. In: _____. *Contos completos de Lima Barreto*. Organização e Introdução: Lília Moritz Schwarcz. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

BOECHAT, Bruno. Assaltante é amarrado em poste e espancado até a morte por pedestres em São Luiz. *Extra*, 08/09/2015. Disponível em: <www.extra.globo.com/casos-de-polícia/assaltante-amarrado-em-poste-espancado-até-morte-por-pedestre>. Acesso em: 13-03-2016.

FRAZÃO, Idemburgo. Carnaval e superação. Literatura e memória. In: ROCHA, Geraldo; NOVIKOFF, Cristina. *Desafios do praxes educacional à promoção humana*. Rio de Janeiro: Espalha/ato Comunicações, 2010.

NEPOMUCENO, Eric Brasil. *Diabos encarnados*. Carnaval e liberdade no Rio de Janeiro. Texto escolhido de Cultura e arte populares. Editor Filipe Ferreira- Coeditores. Ricardo Gomes Lima e Roberto Conduru, vol. 10, n. 2, novembro de 2013.